

# Águas de Oxum para um corpo contemporâneo

Nadir Nóbrega Oliveira

*Doutoranda e Mestranda em Artes Cênicas do PPGAC-UFBA.*

*Coreógrafa e Escritora.*

*E-mail: nadir\_dance@globo.com*

## RESUMO

Este artigo é o resultado de uma atividade coreográfica desenvolvida no Dique do Tororó ou Dique dos orixás, um local de beleza extraordinária cujas águas são sagradas para o povo de santo. Ele faz parte do meu projeto de pesquisa do curso de doutorado do PPGAC/UFBA, na linha Matrizes Estéticas na Cena Contemporânea, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Suzana Martins Criei metáforas, em estados diferentes de corpo: lento, rápido, forte, fraco, alto, médio e baixo dentro e fora do barco. Meu corpo. Minha Dança com as novas tecnologias.

Palavras Chaves: corpo; religiosidade; tecnologias.

## ABSTRACT

This article is the result of a choreographic activity developed in Dique do Tororó or Dique of orixás, a place of extraordinary beauty whose waters are sacred to the people of Candomblé. Created metaphors, in different states of body: slow, fast, strong, weak, high, medium and low inside and outside the boat. My body. My Dancing with the news technology.

Keywords: body; religiosity; technology.

O Dique do Tororó ou Dique dos Orixás como hoje também é chamado, é um local de uma beleza extraordinária, com a sua lagoa que em dia ensolarado reflete os seus raios nas suas águas, nos proporcionando um estado de felicidade. Rodeando a lagoa temos as suas árvores com os seus volumosos troncos, patinhos caminhando na grama, brinquedos infantis bastante utilizados por crianças da redondeza.

O Dique sofreu uma reforma que agrada olhares dos moradores locais e de turistas, menos aos religiosos das igrejas evangélicas que por diversas vezes já expressaram a sua intolerância para com as imagens dos orixás, as oferendas religiosas de matriz africanas lá realizadas, como “presente de Oxum e de Nanã” e o Abraço do Dique. As pessoas circulam no seu entorno a pé, de carro ou de ônibus. Lá é comum se jogar dominó, jogar “conversa fora”,

ficar meditando, e também nos seus dois pequenos *piers* vemos famílias em fins de semana vão praticar pesca amadora.

Neste espaço existem dois restaurantes de médio porte, amplo estacionamento e há cerca de um ano o acesso Dique-Centro fica fechado aos domingos para o trânsito de carros, permitindo assim uma grande frequência de crianças e jovens participando de várias outras atividades sócio-educativas, shows musicais com artistas do cenário nacional como Leci Brandão, Aloísio Menezes, Jorge Aragão entre outros.



Foto- Arquivo do Google.

O Dique me leva ao mundo do sagrado. Não por causa das imagens, pois elas nada mais são do que objetos artísticos criados pelo artista plástico Tati Moreno, como é o Exu da agência dos Correios da Pituba, todos feitos por encomenda sendo pagos pelos cofres públicos. Estas imagens não são o sagrado, segundo a Makota<sup>1</sup> Valdina do Terreiro Tanuri Junçara “Os Inkice não são representados por imagens, como acontece com a Igreja Católica”<sup>2</sup>. Sagrado são as águas das moradas dos orixás Oxum, Iemanjá e Nanã.

Mesmo com as suas águas poluídas as pessoas arriscavam pescar para alimentarem-se e no período da escravidão os escravos lavavam os cavalos dos seus sinhozinhos, depois utilizaram para lavagem de carros mediante avanço tecnológico.

---

<sup>1</sup> Makota é um cargo existente no candomblé de Angola que é aquela que zela pelo orixá, ou seja, o mesmo que Ekede em Ketu

<sup>2</sup> Entrevista a mim concedida em dezembro de 2009.

Fato curioso é que hoje onde se encontra o restaurante/lanchonete Habibs, no século XIX era uma fábrica de diamantes e abastecedor de água. Também na década de 1960 as lavadeiras de ganho faziam uso daquelas águas, estendendo nas gramas as suas coloridas roupas e lençóis.

Circular nas águas sagradas do Dique pode ser feita num barquinho dirigido pelo senhor Antônio, pai do cantor Tatau (ex cantor do bloco Araketu), que por ser um homem de Candomblé, o Dique é um espaço sagrado e o seu barco é conduzido pela Mãe Janaína a “Rainha do Mar”. A cultura, assim como os seres humanos, está em permanente processo de construção e reconstrução, agregando novos saberes e experiências.

Muniz Sodré (2002) desenvolveu o conceito de cultura resgatando sua historicidade para os diversos contextos em que ela é usada, produzindo assim diferentes significados e especificidades em cada sociedade. Ao compreender cultura como um movimento social constante, produzindo diversas formas de relacionamento com o real, ele abre um espaço significativo para a compreensão de cultura afro brasileira no Brasil.

Nossas bases de discussões para as criações coletivas iniciaram por aspectos relevantes da nossa cidade, como: preconceitos raciais e sociais, religiosidade e sentidos corporais desenvolvidos por pessoas com dificuldades auditivas.

As particularidades da cidade de Salvador são vistas e sentidas por todas as componentes da disciplina, nascidas e não nascidas aqui, e nos meus devaneios afirmo que nesta parte da cidade posso ver a cor azul do céu em maior quantidade de vez do que em outros lugares do sul do Brasil, sinto neste local que a religiosidade afro me faz pensar num corpo que adentra as águas do Dique e que o barco do Sr. Antonio tem poderes de levar para um outro lugar do sagrado. Gosto desta sensação de ida.

As águas, os orixás, o sagrado sabem dos nossos abismos sociais, quer sejam nos bairros soteropolitanos, no nosso estado e nas regiões Sul e Nordeste, que mesmo com as ações afirmativas ainda temos muito que negociar pela nossa liberdade de cultuar e de se expressar religiosamente, sem os olhares inquisidores dos adeptos de outras linhas religiosas.

Enfim crio metáforas, em estados diferentes de corpo: lento, rápido, forte, fraco, alto, médio e baixo, com a pergunta central Corpo: qual o meu espaço? A minha referencia corporal envolvendo religiosidade de matriz africana são expressas e representadas no barco que circula no Dique do Tororó. Meu corpo. Minha Dança com as tecnologias.

Para tanto me inspiro nos significados simbólicos deste espaço: o barco que locomove é um corpo que flutua sobre águas do lago sagrado, assim como os remos são as extensões dos braços do senhor Antônio, apresentando novos paradigmas performativos significantes nos estudos da dança e novas mídias, nos reportando a expressão Mcluhiana.



FOTO- Ana Valécia Araújo Ribeiro

O termo extensão admite a possibilidade de “extender” o corpo apenas enquanto está “acoplado” e, sendo algo que acopla, não assume o corpo como transformado nele mesmo, mas apenas diferente por carregar algo externo e, principalmente, que não lhe pertence. (SANTANA, 2006: 47)

Nesta trajetória aprendo que o homem dança para expressar seus sentimentos, suas ansiedades e valores culturais. A dança pode ter uma função ritualística, de diversão ou artística. Reportando-me a Adriana KAEPLER (1978), “a dança é uma representação cultural de qualquer povo e sempre se faz presente em todos os períodos do nascimento até a morte”.

Danças estas incorporadoras dos paradigmas sociais, que permitiram e permitem o reencontro dos traços de celebração rituais de onde foram geradas e cujas origens se remetem a um tempo sócio-histórico-político e cultural, também de ancestralidade.

As imagens virtuais de água, de veículos, de árvores sobrepostas em corpos sentados em movimentos de ofertório, estendidos no chão e na grama, em *contact improvisation*, sensitivos e ondulados, providenciando novas formas de vida e de performance interativa e as tecnologias utilizadas foram importantes no projeto da performance e nas simultaneidades de ações inclusive a inclusão do público no vídeo arte.

Estas imagens apresentadas nos remota ao pensamento de STELARC no qual nos afirma que “a tecnologia pode ser a extensão do homem”, ou seja, o barco, os remos, as árvores e o chão, todos estes elementos imbricados com outras influências neste local: o limão, as folhas, o café, a água, o salto do sapato que se quebra e os olhares dos transeuntes, nesta tarde de sábado.

Elementos estes que dialogam conosco e que estão vinculados com a nossa cultura, mostrando corpos e seus territórios.

Esta performance ocorreu com a luz natural da tarde nublada, ao contrário dos gêmeos Noah e Seth Riskin<sup>3</sup>, que criaram performances com roupas em espelhos, performances com projeções e experimentos em estúdios com Laptops, também descreveram os limites do espaço, explorando outros experimentos tecnológicos.

Os elementos fundantes da cultura afro-brasileira para devaneios, sonhos, construção de pensamentos e da auto estima estão lá proporcionando um hibridismo espacial, implicando-os em tempo real nos ambientes: terra, água, pessoas, carros, casas, patinhos e árvores, possibilitando idéias poéticas e entendimentos registrados e expressos pelos corpos. Corpo que imergiu com objetos e público que interagiram com a geografia do Dique. Meu corpo é a água, as árvores, o chão, também colado em ônibus e casas, pois as capturas das imagens para conclusão deste trabalho foi feita em registro fotográfico



FOTO- **Ana Valécia Araujo Ribeiro**

Chego a conclusão que o meu sentimento neste trabalho em termos de uso do corpo e de construção da auto-imagem, entre outras coisas, pode proporcionar discussões e o aprofundamento desse tema, tentando assim

---

<sup>3</sup> Interessantes exemplos contextualizados sobre estes performers, buscar Dixon, Steve em Digital Performance: A History of new media in Theater, Dance, Performance Art, and Installation.

trazer novos olhares e construções para questões ligadas à diversidade cultural e para a compreensão das novas tecnologias.

As existências desta minha performance dependeram dos acréscimos dos elementos: som, iluminação, figurinos e adereços nos meu solo coreográfico desenvolvidos em água e terra numa relação inter-sócio-físico, sempre respeitando e reverenciando o sagrado, buscando um caminho de interação corpo, cultura negra e novas tecnologias.

**Autorizada a citação e/ou reprodução deste texto, desde que não seja para fins comerciais e que seja mencionada a referência que segue. Favor alterar a data para o dia em acessou-o:**

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. Águas de Oxum para um corpo contemporâneo. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010. Disponível em: <[http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Aguas\\_de\\_Oxum.pdf](http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Aguas_de_Oxum.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2010.

## REFERÊNCIAS

DIXON, Steve. **Digital Performance: a history of new media in theater, dance, performance art, and installation**. Cambridge: The MIT Press Cambridge, 2007.

KAEPPLER, Adrienne. Dance in anthropological perspective. **Rev. Antropol**, 1978, p. 31-49.

SANTANA, Ivani. **Dança na cultura digital**. Salvador: EDUFBA, 2006.

SODRÉ-Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Salvador: Bahia. Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.